

entenderam que o povo, massa destituída de opiniões críticas, que se orientava pela fé ou pela descrença, estava superada numa época em que o acelerado progresso material tendia a substituir rapidamente o natural pelo artificial no condicionamento mesológico do homem. A verdade, o futuro, o manancial de ensinamentos válidos estariam assim com as élites esclarecidas.

Por via destas atitudes, a nação aheou-se da sua realidade, quando não procurava escondê-la; importaram-se doutrinas e instituições e ninguém cuidou de averiguar se as aquisições se coadunavam com a índole da nação. O povo recolheu-se no seu patrimônio espiritual e divorciou-se das suas élites. A nação entristeceu, perdeu o elã vital e caminhou aos tropeços até se quedar desorientada, vencida sem batalha. A Pátria lusitana amarrara o carro de sua vocação única ao cavalo de inspiração alheia; parecia condenada.

A formação científica de Ricardo Severo dá-lhe a perfeita percepção do fenómeno. Engenheiro, êle sabe que o artificial foi sempre parte integrante do patrimônio do povo, que o usa como se natural fôsse, com uma certeza e exactidão que muitas vêzes falta aos senhores da razão pura. Êle sabe que a fé ou as descrenças do povo, por não serem críticas, não são por isso mais falíveis; as suas formas, por integrarem a experiência empírica do passado, constituem-se em sabedoria que dispensa especulação.

Ao transmitir o seu facho, a geração de 70 parecia ter reparado no erro. Eça de Queiroz — que sorveu o cálice do artificianismo e do elitismo até à esterilidade fradiquiana — prepara em “A Cidade e as Serras” o regresso penitente à casa paterna; Oliveira Martins, com o seu dom de ver e descrever interiores de alma, tinha feito na sua história a primeira tentativa para retratar a alma do povo português. Voltava-se à tradição de Garret, que, com a sua superior intuição, abarcara e descrevera brilhantemente o que havia de essencialmente português no nosso génio e na nossa História e também à de Herculano, menos brilhante mas mais erudito, que rebuscou tenaz e estoicamente a génese da nacionalidade portuguesa.

Severo, por sentimento e imaginação, estava com os românticos; todavia, a sua formação exigia-lhe uma sólida base científica para fundamentar a sua intuição. Êle era português, mas queria ser conscientemente português.

Pola Grey

O manancial de documentos que Herculano reuniu na “Portugália Monumenta Histórica”, sem contudo os devassar, por considerar que os factos por êles descritos tinham pouca ou nenhuma afinidade com a Nação portuguesa, fenómeno, a seu ver, inteiramente moderno, interessou contudo aos espíritos da nova geração.

Curiosos e irreverentes quizeram verificar até que ponto a asserção do mestre era válida. Alberto Sampaio, avança no estudo documental do

passado que Herculano respeitara e dá-nos o primeiro quadro da vida social do período pré asturo-leonês na sua obra decisiva "As vilas do Norte de Portugal". Entretanto, Carlos Ribeiro, o ilustre geólogo português, faz no vale do Tejo as primeiras descobertas de vestígios de vida pré-histórica em terra portuguesa.

Começa então a formar-se uma equipe de pesquisadores que se reúne em torno de Carlos Ribeiro. Ricardo Severo ainda muito jovem, estudante de Engenharia da Academia Politécnica do Porto, mas senhor de fecunda precocidade intelectual, surge na primeira linha.

A Severo interessava o estudo sistemático da gênese da individualidade da cultura do povo português e não podia admitir, como Herculano, que a nação portuguesa derivava do fenómeno político da criação do Estado o que lhe atribuía, consequentemente, radical asturo-leonês. Severo pressentia que a nação existira antes do Estado. As profundas motivações nacionais só poderiam entender-se pelo estudo científico da formação cultural do seu povo.

Para Severo, no povo e na sua índole especial, estava a explicação do fenómeno português, a força da sua independência e vitalidade e, consequentemente, o penhor do futuro da Nação. Daí, adaptar para seu lema "Pola Grey", em invocação daquele Príncipe Perfeito que na História se chamou João II, o qual, cioso da grande tarefa a si cometida de erguer a pátria lusitana até ao ponto mais acumiado da civilização mundial se amparou, para tanto, exclusivamente na sua grei.

Vemo-lo partir aos 18 anos, à descoberta da citania de Briteiros. Em 1888, com 19 anos apenas, publica "Paleontologia Portuguesa" em que audazmente critica os trabalhos apresentados em Paris, por Cartailhac. O Ultramar interessa-lhe também e, em 1890, publica na Revista de Ciência Naturaes o seu estudo "Primeiro vestígios do período neolítico em Angola".

Compreendendo no entanto que tarefa tão ingente como o estudo da etogenia do povo português só poderia ser levada a cabo por uma equipe, funda, em 1899, com Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso uma revista destinada a reunir os "materiais para estudo do povo português". Apareceu assim a famosa "Portugália", deslumbramento dos seus contemporâneos e que, em breve, ganharia foros de Revista conceituada em todos os meios científicos. A "Portugália" constitui ainda hoje o mais rico repositório de dados sobre as origens e o caracter do povo português.

"Pola Grey" era a divisa inscrita no frontespício da opulenta encadernação. Estava iniciado o primeir inquérito consciencioso sobre as condições mesológicas e fisiológicas da etogenia portuguesa, onde se procurava identificar, em caracteres determinados e rigorosos, os tipos nacionais. Pretendia-se o conhecimento integral da "grey" de forma que a sua vida presente e futura pudesse vir a ser consequência feliz do seu passado".

Ouçamo-lo falar da sua Revista:

"Obra de revolucionários românticos, demolidora de instituições, baseada contudo no princípio conservador do mais alto tradicionalismo con-

denou o existente para promover o ressurgimento do génio da raça e perscrutava a alma da Grey portuguesa até ao mistério indefinido do Além-História. Entretanto, não representava esta obra de gente moça uma invocação estática do passado, mas pretendia levar a efeito a integração do espírito nacional com todos os seus elementos de origem, de caracter, de tradição, de etnia e de história nas formas dinâmicas mais modernas da vida actual".

E tudo isto tinha de ser feito à maneira de Ricardo Severo — com elegância e requinte. Em cada página sentimos, na beleza da edição, no acabado esmero das gravuras, na serenidade e erudição, na cuidada redacção, no interesse palpitante da apresentação de assuntos aparentemente áridos e, até, no fino humor que não deixa de se manifestar aqui e acolá amenizando a gravidade da matéria tratada, a marca inconfundível do Mestre.

A empresa era alta. Ricardo Severo sabia que não podia contar com o público. Director, proprietário e editor, prossegue na sua obra com enorme dispêndio de energia morais e materiais. Assim, Ricardo Severo e os seus poucos companheiros de cruzada e de ideal iam erguendo, a pouco e pouco, uma obra sólida e brihante, um estudo científico e probo da nacionalidade. Desprezaram o reclame e a glorieta passageira; trabalharam movidos pela grande certeza de que, mais tarde ou mais cedo, todo o trabalho honesto frutifica, todo o gesto útil ganha a beleza que os contemporâneos por vezes lhe negam. A tôda uma geração que se debatia com o pesadêlo do cepticismo doentio, do cansaço precoce e do desânimo desmoralizador, este punhado de bravos portugueses deu uma lição de confiança, de determinação e certeza. Eles foram a expressão viva do "tudo vale a pena" que nos canta o poeta.

Além dos estudos antropométricos e de etogenia, Ricardo Severo preocupou-se sobretudo com a génese civilizacional. Dois aspectos, em particular, atraíram a sua atenção: — os objectos artísticos e as necrópoles.

Da pesquisa sistemática dos túmulos megalíticos colhe a certeza que o homem começou a desenvolver muito cedo a crença na vida futura e a ter preocupações de natureza ontológica. Em torno destas antas que Ricardo Severo ia descobrindo "palmilhando os carreiros turtuosos do Norte de Portugal, acompanhado pelo almocreve folgazão e fiel e pelo canto dolente das cotovias", o pesquisador encontra as primeiras manifestações "culturais" do povo. Quando contempla esses monumentos gigantescos erguidos contra o firmamento, "nas tardes de poentes arroxeados e serenos, enquanto o toque das Avé Marias sobe dos campanários dos vales, ecoando pelas serras como litánias de órgão em uma imensa catedral o nosso viajante compreende o enorme traço de união que liga os contemporâneos habitantes da terra a esses rudes primitivos de longinquas eras, mas que, através do culto diferente na forma, manifestavam já a mesma adoração pelo maravilhoso que momentaneamente lhes deu o ser para, depois, voltar a fixar no solo em que se integraram os restos dos seus antepassados.

"Sente-se", dizia-nos Severo, que nessas construções tumulares de ciclópico aparelho estavam os alicerces duma pátria". E com que cuidado e ca-